

Morte, religião e ciência: Diferentes formas de enfrentamento

Acadêmica : Vera Lúcia Heringer

Orientadora: Prof^a Dra. Mari Cleise Sandalowski



“A morte é a única certeza do homem”

Introdução: A morte de forma clínica é muito difícil de ser definida, pois diferente do que acontece em programas de televisão não há como realmente definir o momento exato da morte. Acadêmicos da medicina quando começam a realizar seus plantões procuram ficar o maior tempo possível ao redor dos pacientes que se encontram em estágio terminal, para tentar compreender este momento “da passagem”. Não é fácil para um médico ou um enfermeiro perder seu paciente, com a evolução atual das práticas médicas os profissionais da área da saúde crêem tender a perder o menor número possível de seus pacientes. Tanto a medicina como a enfermagem – que por sinal acabam convivendo muito mais com o paciente – não estão preparados para a perda, eles são treinados para tratar, curar e prolongar a vida. O ensino ainda continua deficitário na área deste preparo, para o possível e muitas vezes inevitável óbito deste paciente. Fazendo com que não raras vezes ocorra a desistência deste da profissão ou passam algumas vezes para pesquisa desistindo da prática.

Objetivos: O presente trabalho tem por intuito ser o prelúdio de uma pesquisa, que busca compreender como a perda de um paciente afeta o profissional e o acadêmico da área da saúde, quais suas percepções sobre o fenômeno e se estes são preparados de alguma forma na sua fase de aprendizagem para a possível perda do paciente.

Metodologia: A pesquisa dar-se-á através de revisões bibliográficas de textos e de teóricos e artigos escritos na área, e também através de aplicações de questionários e entrevistas semi-estruturadas.

Resultados esperados: Os resultados pretendidos com a pesquisa é a tentativa de compreender como e quais foram as mudanças ocorridas no decorrer dos anos de profissão com o fato da morte dos pacientes, como este lida hoje com tal fato, e se o acadêmico que inicia o “internato” está preparado para a possível e inevitável, muitas vezes, morte do enfermo. Também se possível sirva para futuras pesquisas para pessoas interessadas na área e talvez melhorias do ensino na área da saúde.

Conclusão: A morte na década de 70 foi levada de dentro das residências para dentro dos hospitais passando como diz Ariés deixa ela de ser uma morte “domada”, ou seja, uma morte conhecida esperada muitas vezes pelo enfermo, passando a ser excluída pouco a pouco pela sociedade e tratada como um tabu, as pessoas passaram a temer a morte, mesmo ela sendo inevitável.

Isso fez com que o número de pacientes dentro de um hospital aumentasse consideravelmente, o profissional e/ou estudante da saúde não tivesse mais tanto tempo para com seus pacientes, tentando assim, através de novas tecnologias prolongar a vida deste doente o maior tempo possível, onde muitas vezes a perda para a morte deste ser seja para este profissional uma impotência ou muitas vezes fracasso.

Tentando compreender esta transição e se há o preparo desde as bases do ensino é que pretende esta pesquisa trilhar, e compreender, se este que transita na área da saúde está ou estará preparado para enfrentar as perdas que o seu trabalho traz? Isso o afeta no lado pessoal? Muda seu modo de trabalho? Foram preparados na sua época acadêmica? Ou simplesmente se tornaram máquinas na tentativa de cura? São estas e outras perguntas que surgiram com o tempo de pesquisas que tentarei responder.

Bibliografia:

ARIÉS, Philippe. A história da morte no ocidente. Rio de Janeiro, Ediouro 2003.

FILHO, Antonio Pazin, Morte considerações da Prática Médica

http://www.fmrp.usp.br/revista/2005/vol38n1/2_morte_consideracoes_pratica_medica.pdf, Acesso em 02 de junho de 2011

GONÇALVES, Ernesto Lima. Médicos e ensino da medicina no Brasil. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

MENEZES, Rachel Aisengart. Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2004.

PAULINO, L.C. O enfermeiro e a morte. Disponível em <www.webartigos.com/enfermeiro-e-a-morte> Acesso em 20 jun 2011.